



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

MÁRCIA KAÊNIA DA SILVA FARIAS

ANA CRUZ E A POÉTICA DA SINGULARIDADE COMO CRÍTICA

**CAMPINA GRANDE
2022**

MÁRCIA KAÊNIA DA SILVA FARIAS

ANA CRUZ E A POÉTICA DA SINGULARIDADE COMO CRÍTICA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao curso de Graduação em Letras Português, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras.

Área de concentração: Literatura Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F224a Farias, Marcia Kaenia da Silva.
Ana Cruz e a poética da singularidade como crítica
[manuscrito] / Marcia Kaenia da Silva Farias. - 2022.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino ,
Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."

1. Poesia contemporânea . 2. Literatura contemporânea. 3.
Crítica literária. 4. Gênero. 5. Mulher negra. I. Título

21. ed. CDD 801.95

MÁRCIA KAÊNIA DA SILVA FARIAS

ANA CRUZ E A POÉTICA DA SINGULARIDADE COMO CRÍTICA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao curso de Graduação em Letras Português, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras.

Área de concentração: Literatura Contemporânea.

Aprovada em: 04/08/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Eli Brandão da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Alessandro Giordano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, Ary Farias e Maria Íris,
pelo amor, incentivo e persistência,
DEDICO.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	FEMINISMO E CRÍTICA LITERÁRIA	7
3	ANA CRUZ, CLASSE, CAPITAL E TRABALHO	8
4	ANA CRUZ, SINGULARIDADE E CRÍTICA DO BIOLOGISMO SEXISTA	10
5	ANA CRUZ E A CRÍTICA DE UM DESTINO DEFINIDO A PRIORI, CASA E FAMÍLIA	12
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
	REFERÊNCIAS	15
	ANEXO A – DEIXE NO MEU COFRE SUA FORÇA DE TRABALHO E GANHARÁS O CÉU	17
	ANEXO B – MOÇA BEM COMPORTADA	18
	ANEXO C – PODE FICAR COM A CASA!	19

ANA CRUZ E A POÉTICA DA SINGULARIDADE COMO CRÍTICA

ANA CRUZ AND THE POETICS OF SINGULARITY AS CRITICISM

Márcia Kaênia da Silva Farias¹
(Universidade Estadual da Paraíba)

Orientador: Dr. Luciano Barbosa Justino²
(Universidade Estadual da Paraíba)

RESUMO

A literatura escrita por mulheres tem sido um instigante e necessário objeto de pesquisa da Literatura Contemporânea. Pensando nisso, o presente estudo toma como corpus de análise o livro “Mulheres q’rezam”, de Ana Cruz. Problemas: como gênero, classe e negritude se interseccionam na obra de Ana Cruz? Como a mulher negra agencia suas vozes? Para respondê-las, objetiva-se analisar as estratégias poéticas utilizadas nos poemas, com especial interesse pela produção de subjetividade em sua articulação com as demandas coletivas. Para tanto, selecionou-se três poemas que articulam exemplarmente essa transversalidade analítica da qual partimos para dar conta dos problemas. A saber, “Moça bem comportada”, “Deixe no meu cofre sua força de trabalho e ganharás o céu” e “Pode ficar com a casa”. Desse modo, a sustentação das análises construídas é fundamentada em estudos de bell Hooks (2018), Tânia Navarro Swain (2002) e outros. Considerando os resultados, constatou-se que a vivência e a escrita da autora montam tal subjetividade, à medida que faz com que suas representações e críticas repercutam em outros corpos, reforçando a hipótese inicial.

Palavras-chave: Poesia contemporânea. Gênero, classe e negritude.

ABSTRACT

Literature written by women has been an instigating and necessary object of research in Contemporary Literature. With that in mind, the present study has as its object of analysis the book *Mulheres q’rezam*, by Ana Cruz. Problems: How do gender, class and blackness intersect themselves in Ana Cruz's work? How do black women manage their voices? In order to answer them, the study aims to analyze the poetic strategies used in the poems, with special interest in the production of subjectivity in its articulation with collective demands. For this purpose, three poems that exemplarily articulate this analytical transversality from which we started to deal with the problem were selected. Namely, “*Moça bem comportada*”, “*Deixe no meu cofre sua força de trabalho e ganharás o céu*” and “*Pode ficar com a casa*”. Thus, the support for the analyses constructed is grounded in studies by bell Hooks (2018), Tania Navarro Swain (2002) and others. Considering the results, it was found that the author's experience and writing mounts such subjectivity, as it makes her representations and criticisms resonate in other bodies, confirming the initial hypothesis.

Keywords: Contemporary poetry. Gender, class and blackness.

¹ Aluna de graduação em Letras – Português, na Universidade Estadual da Paraíba - Campus I.

² Professor do curso de Letras – Português, da Universidade Estadual da Paraíba - Campus I.

1 INTRODUÇÃO

A literatura escrita por mulheres tem sido um instigante objeto de pesquisa da Literatura Contemporânea. Considerando a cristalização da figura feminina fabricada pela indústria cultural masculina, estudar a literatura escrita por mulheres é um caminho válido para tentarmos entender tamanha dificuldade na reorganização de uma identidade própria.

Com efeito, o texto literário faz atravessar múltiplos agenciamentos sociais, individuais, coletivos, de territórios existenciais e demandas societárias. Apesar de sua legitimação no ambiente acadêmico, ainda se carece de estratégias de leituras que possam fazer atravessar os nichos e compreender a relativa totalidade do real que as obras dão a ver.

Se o assim o fizermos, conforme Constância Lima Duarte afirma,

Descobriríamos sim, alguns traços comuns e variados, marcados ou pela posição que as mulheres ocupavam na sociedade, ou impostos pela estética dominante, ou ainda pelos valores gerais atribuídos à diferença sexual (DUARTE, 1990, p. 18).

A partir dessa declaração, iniciamos a teorização dos estudos que embasam este trabalho, o qual integra uma pesquisa literária com viés contemporâneo. Dito isso, podemos afirmar que o Feminismo pertence a este cenário, sendo assim, faz-se necessário uma contextualização sobre Literatura e Feminismos, dando importância ao campo que esta pesquisa agarra como objetivo.

Inicialmente, é relevante mencionar que a crítica literária passa por percalços para se constituir, pois os estudiosos, em sua composição, eram limitadamente homens. Sendo assim, no momento em que a mulher aparece como pesquisadora da área, sua escrita e conhecimento passarão, mais uma vez, a serem questionados e postos em dúvida pelos que se nomeavam donos da verdade literária.

Com essa atitude, viam e tentavam moldar o que era escrito por mulheres dando-lhes temas que representassem sensibilidade, fragilidade e exposição de emoções como temáticas apropriadas à feminilidade, termo inventado pelos homens e que tinha como intenção limitar o papel social das mulheres. “E quando um texto feminino merecesse aplausos e elogios, sistematicamente era considerado um texto forte e viril” DUARTE (1990, p. 20).

Ainda sobre a crítica literária, ressalta que:

Se relemos atentamente algumas obras de nossa literatura observando as imagens de mulheres aí construídas, constatamos como estão carregadas de estereótipos advindos da sociedade patriarcal aqui instalada (DUARTE, 1990, p. 21).

São razões como essas que abrem espaços para pronunciamentos de mulheres negras e estudos calcados numa concepção feminista que intencionem acabar com estereótipos de gênero e de classe culturalmente construídos. Posto isso, em “Mulheres q’rezam”, de Ana Cruz, o cruzamento de vozes e de agências transcende os espaços que definem comportamentos e atribuições predeterminadas, portanto, busca-se analisar como a voz da mulher negra se assume mediante esta multiplicidade de cruzamentos.

Nesse âmbito, elencamos como questionamento da pesquisa: como gênero, classe e negritude se interseccionam na obra de Ana Cruz? Contudo, dentre as possibilidades de leitura que as várias vertentes teóricas nos fornecem, é importante

destacar que a inquietação e proposta de análise busca viabilizar um direcionamento do caminho já percorrido e do cárcere cultural em que viviam/vivem as mulheres.

Logo, para entendermos esse percurso, é fundamental que façamos um panorama referente às três ondas do movimento feminista aliando-as à evolução histórica, política e teórica. Nesse seguimento, Alós e Andreta (2017) fazem uma breve abordagem, a qual destaca várias intelectuais, que inspiraram os movimentos feministas, como bell Hooks, base teórica desta pesquisa. Além de categorizar o movimento, acrescentam figuras históricas significativas para o imaginário político do feminismo anterior ao século XIX, mas que não constituem um objeto palpável a ser estudado, assim nomeiam como “protofeminismo”. Pela escassez de corpus, essas figuras não chegam a ser consideradas *gerações de onda*, como veremos a seguir.

Sendo assim, para atendermos aos propósitos mencionados, é necessário que nossos argumentos estejam bem fundamentados e relacionados, por isso, nossa pesquisa encontra-se dividida, respectivamente, em quatro movimentos: “Feminismo e crítica literária”, “Ana cruz, classe, capital e trabalho”, “Ana cruz, singularidade e crítica do biologismo sexista”, por fim, “Ana cruz e a crítica de um destino definido a priori, casa e família”.

2 FEMINISMO E CRÍTICA LITERÁRIA

No final do século XIX e início do século XX, mulheres – de tradição majoritariamente branca e burguesa – iniciaram reivindicações pelo fim dos casamentos impostos, o direito à participação política e o alcance à educação formal, esse período configura-se como a “primeira onda” do feminismo. Posteriormente, em meados das décadas de 1960/70, mais um passo é dado: o uso de métodos contraceptivos. Com essa possibilidade, a mulher conquista autonomia do controle de natalidade e da política do seu corpo, essa pauta confere a “segunda onda” dos movimentos feministas.

No entanto, mesmo com relevantes conquistas, é possível notar a não presença de discussões sobre raça e classe. Diante dessa lacuna, surgem diversos debates no ambiente acadêmico, tendo em vista que, um feminismo que não percebe as desigualdades de classe, é incapaz de transformar a vida da maior parte das mulheres. Nesse viés, é na chamada “terceira onda” que a maneira como a mulher é representada, nos textos canônicos, vai ser questionada. Sem dúvida, um desafio a ser enfrentado diante das produções tidas como hegemônicas e intocáveis durante todo o tempo.

Nessa perspectiva, os textos passaram a ser compreendidos teoricamente como indissociáveis do contexto histórico e social. Assim, rompe-se com a parcialidade que considera essa vertente como mera divisão temática, muito mais que isso, são revisões de conceitos e transformações no cerne patriarcal. Posto isso, Alós e Andreta (2017, p. 28) ressaltam: “se é verdade que as mulheres, como leitoras, releem a tradição literária sob novas lentes, as mulheres, como escritoras, reescrevem, subvertem e reelaboram a tradição literária.”

Feito esse curto movimento histórico e teórico, torna-se importante o esclarecimento das lacunas existentes ditas acima. Para o fortalecimento e ampliação desse espaço, é preciso saber de onde partimos e também em que ponto estamos em relação às políticas feministas. A partir de estudos sobre raça e classe, hooks (2018) faz uma interpretação didática das definições de feminismo e do real propósito do movimento.

Previamente, a autora entende e prefere definir o feminismo como uma luta para extinguir o sexismo, a exploração e a opressão sexista. Do ponto de vista conceitual, a estudiosa considera relevante delimitar o termo “sexismo” como uma atitude de discriminação fundamentada no sexo. Portanto, pode ser reproduzida não apenas por homens, como também por mulheres e crianças.

A partir disso, é possível compreender, de maneira clara, que o movimento não se justifica como uma luta anti-homem, nem só por igualdade de gênero. Nesse sentido, na tentativa de contemplar estes questionamentos, as mulheres começaram a perceber que não somente homens promoviam discursos e pensamentos sexistas. Com isso, o objetivo da luta avança nas buscas por justiça de gênero, entretanto, a autora se depara com outra dificuldade a ser enfrentada dentro da própria luta: o racismo.

Mesmo antes que raça se tornasse uma questão debatida em círculos feministas estava claro para as mulheres negras (e para suas aliadas revolucionárias na luta) que elas nunca teriam igualdade dentro do patriarcado de supremacia branca capitalista existente (HOOKS, 2018, p. 14).

Destaca-se, portanto, que a definição do movimento feminista ainda é incompleta, já que no momento em que se busca igualdade de gênero, estamos nos referindo ao feminismo predominante (branco), que acaba por intensificar discursos sexistas e racistas. Porém, é preciso reafirmar que não são barreiras construídas de hoje, pois, desde o início da luta, as intenções já apareciam fragmentadas. “Feminismo como estilo de vida levou à noção de que poderia haver tantas versões de feminismo quanto houvesse mulheres” (HOOKS, 2018, p. 15).

Apesar da vivência com o racismo, mulheres negras constroem seu espaço no interior da produção acadêmica. Mas, infelizmente, a circulação dessas produções não chega até a massa. “Elas não rejeitaram a mensagem que ele traz: elas nem sabem que mensagem é essa” (HOOKS, 2018, p. 15). Sendo assim, vozes negras, produções e transformações não chegam em mulheres pobres e de escolaridade baixa, o que permite, mais uma vez, a perpetuação e a atualização de um ideal feminista ao qual não refletimos sobre mudanças culturais e também individuais.

Diante do exposto e também da falta de clareza ou coerência que vem se constituindo as políticas feministas, a autora acrescenta que, desse modo, estão perdendo espaço. Desse modo, um passo necessário para transformações significativas dentro da luta é quebrar com essa concepção hegemônica e unidimensional da realidade das mulheres. Para tanto, é preciso levar em consideração as vivências coletivas e se perguntar se a sua realidade também se destina a de outras mulheres. Logo, cabe enxergar a sobrevivência econômica e a discriminação racial que envolvem a maioria das mulheres.

3 ANA CRUZ, CLASSE, CAPITAL E TRABALHO

Anzaldúa (1980) evidencia que a mulher negra está distante no mundo dominante dos homens brancos e no mundo feminista das mulheres brancas. Por esse motivo, desenvolver um apontamento analítico para além do cânone literário caracteriza-se como uma direção, não apenas exigida, mas essencial, na qual o estudo de escritoras negras é fundamental. É nesse cenário que desponta o nome da poeta e jornalista mineira Ana Cruz.

No poema “Deixe no meu cofre sua força de trabalho e ganharás o céu” (Anexo A), o sujeito lírico, além de se deparar, repetidamente, com uma sociedade que é construída por e para brancos, se enxerga sem direitos no que se refere ao pertencimento de mundo, a igualdade de condição e participação social. Na verdade, essas práticas resultam de um jogo de poder e de mecanismos do capitalismo para sustentar um sistema de produção que depende da exploração e da opressão.

Inicialmente, o título antecipa o que será encontrado no poema: uma frequente denúncia às dominações capitalistas e sua dinâmica de funcionamento. Logo, é uma escrita que nos permite atingir a formação do capitalismo mediante o papel de questões étnicas, de gênero e de classe. Nele, constantemente, a mulher negra se defronta com os grilhões que prendem a sua subjetividade, podendo até aderir à ideologia do branqueamento como forma de sobrevivência: “[...] E ser pobre era melhor maneira de se redimir [...]” (CRUZ, 2021, p.41). Diante dessa problemática, o poema sugere a não aceitação ou “assujeitamento”, de acordo com SWAIN (2003), diante das explorações de trabalho.

Na totalidade da obra, a autora estabelece uma matriz de pensamento e diálogo significativamente críticos e com uma linguagem marcada por classe e etnia. Porém, o que singulariza sua escrita é a centralidade da articulação imbricada entre gênero, raça e trabalho. Nesse sentido, esbarrando-se com a sua condição de mulher negra, Ana Cruz manifesta em seus versos o enfrentamento de uma cultura, desenvolvida com consentimentos sociais, que assume diversos contornos e estereótipos.

Segundo GONZALEZ (2018 [1979], p. 57) “o gênero e a etnicidade são manipulados de tal modo que os mais baixos níveis de participação na força de trabalho, coincidentemente, pertencem exatamente às mulheres e à população negra.” Em consequência, o racismo, o sexismo e as desigualdades são partes que compõem o sistema capitalista. É, portanto, uma tecnologia que reproduz narrativas de alienação intrínseca à classe trabalhadora e prejudica sua organização enquanto categoria.

[...] De tanto trabalhar, Alice quase ficou na miséria.
Se não fosse ajuda de Deus,
que a fez quebrar a cabeça várias vezes,
talvez não tivesse se recuperado
daquele seu estado de inconsciência [...] (CRUZ, 2001, p. 41).

Nos versos acima, a autora coloca Alice nos mais diferentes lugares que a vida a conduziu. Esse resgate do estado de inconsciência é o que acarreta as faíscas iniciais que a conduzem a um impacto e ao descobrimento da realidade: “Alice ficou impactada quando soube / do tamanho da culpa que cruzava o seu destino” (CRUZ, 2001, p. 41). Diante desse conhecimento, expressivamente, a personagem assume um lugar de resistência contra as desigualdades e retorna a um ponto de consciência. Ratificando com esse pensamento, SWAIN (2003, p. 2) afirma que “o sujeito muda, a todo momento, segundo o lugar onde me encontro, o espaço social que me concedem ou que eu tomo [...]”.

De tal forma, como argumento, há uma referência à representação divina, na tentativa de justificar as abordagens desse legado histórico de exploração de mão de obra, desfavoravelmente, remunerada. Rosendo (2016) entende que essa referência faz parte da premissa moral para explicar e justificar, eticamente, relações de subordinação e dominação. Dessa maneira, a dominação funciona como uma

ferramenta de subjugação, pois reforça o poder e os privilégios dos opressores. Um exemplo disso é o reforço da alienação entre os sujeitos da classe trabalhadora que colaboram para a reprodução do sistema capitalista resultante das condições da própria exploração.

Aqui, “[...] gostar mais de serviço do que / de dinheiro e a colocar a força acima do conhecimento” (CRUZ, 2001, p. 41) reforça como se caracteriza as estruturas conceituais opressoras. O impacto dessa configuração nas relações de trabalho no que concerne à população negra – e particularmente, às mulheres negras – é ponto fundamental na produção da autora, pois oferece ao leitor experiências com linhas específicas que pertencem a este lugar.

4 ANA CRUZ, SINGULARIDADE E CRÍTICA DO BIOLOGISMO SEXISTA

As desigualdades de gênero têm sido perceptíveis diante das múltiplas discussões referentes à sobrecarga de trabalho das mulheres, salários inferiores, ausência em espaços de decisão, feminicídios etc. É fato que concepções machistas entre os homens, acerca de como as mulheres deveriam se comportar, têm sido observadas e apresentam uma relação direta com essas desigualdades. Portanto, são discussões que vão além da dominação masculina ou do modo como agem.

Em “Moça bem comportada” (Anexo B), Ana Cruz nos faz testemunhar, em tom de ironia, a relevante inserção de outras maneiras de pensar e de viver pelo feminismo. Mais ainda, de ser “um sujeito social, a expressão de um gênero, um corpo biológico” (SWAIN, 2003, p. 2). Desse modo, discutiremos como se configura a heteronormatividade tóxica e de que maneira a sexualidade se confronta com outros marcadores sociais étnicos e de gênero.

Modos de viver, muitas vezes, são naturalizados como se houvesse um molde já determinado do corpo feminino ou masculino. Assim, os corpos são caracterizados como materialidades biológicas. É com essa caracterização que a autora denuncia as pressupostas diferenças biológicas e simboliza o longo caminho de luta que ainda precisa ser traçado, pois, segundo HOOKS (2019), a luta contra os efeitos de gênero não é apenas uma luta das mulheres. É uma luta de toda a sociedade. Então, para que se organize uma união de lutas é urgente levar em conta a multiplicidade de relações de opressão em que se articulam as relações de gênero.

Na perspectiva literária, para Barthes (1970, p. 33), “o escritor é o que fala no lugar de outro”. Com base nessa afirmativa, no momento em que compreendemos a literatura como um espaço de representação e de movimento em que aspectos sociais dialogam e se impactam ao mesmo tempo, não podemos deixar de questionar quem é esse outro (no tempo e no espaço).

Nesse segmento, Ana Cruz, em sua estratégia poética utilizada, apresenta uma duplicidade do “eu”. Nessa composição, observa-se um “eu” que fala em detrimento de um “eu” que constrói o poema com cenas de suas vivências, ou seja, um “eu” em trânsito, como compreende (SWAIN, 2003). Esse processo move vários contextos suscitados em que o sujeito que fala já pertenceu a esse lugar de inconsciência, por ser impelido de falar ou não ocupar espaços em que sua fala seja ouvida. Posto isso, é na vivência, no dia a dia, que podemos encontrar modos criadores de resistência.

Considerando a existência dessa duplicidade de vozes, vale ressaltar que estamos pronunciando trajetórias individuais distintas, ao mesmo tempo que produz uma articulação de demandas coletivas. Nesse contexto, podemos observar que o

retrato do “eu” que vive, na prática, é feito através de um conceito de imposição heteronormativa:

[...] Não consegue disfarçar seu semblante
amuado e triste
mas não fala nem reclama
somente come o dia todo [...] (CRUZ, 2001, p. 29).

Em contrapartida, o “eu” que agencia essa voz rompe com essa heteronormatividade tóxica e deixa claro que não se submete às normalizações histórico-culturais construídas sobre elas:

[...] Não tem malícia não
sabe ao certo como se deve
ir à luta para suprir suas necessidades (CRUZ, 2001, p. 29).

Ao se pronunciar sobre Esmeralda, a escritora se insere no poema e sua presença denuncia tanto o seu olhar como também o nosso sob o viés de leitor. Nessa perspectiva, Esmeralda alcança aparência apenas a partir de sua intermediária – o “eu” que fala – notadamente consciente do domínio social exercido sobre este outro “eu” que vive e é anulado da possibilidade de conduzir seus próprios passos.

Com isso, ser “amarga”, “coitada”, “desolada”, “castigada”, “amuada” e “triste” reforça a presença de práticas coercitivas e opressivas oriundas da masculinidade hegemônica. Essas características traduzem como o conjunto de dominação sistemática das mulheres pelos homens por meio de instituições, comportamentos e modos de pensamentos estão presentes nas estruturas conceituais (ROSENDO, 2016).

Nessa compreensão, a “união fria e mal sucedida” remete a uma particularidade de Esmeralda e nos leva a um debate sobre variadas questões sociais que delineiam um enorme paralelo com a realidade. Nesse protótipo, mulheres devem se restringir ao lar e os homens têm que ir à luta por emprego para sustentar suas famílias. Logo, quem vai à luta não pode ser um corpo feminino. E quem pertence ao lar, à vida doméstica, não pode ser um corpo masculino.

Contudo, o que nos incomoda, como parece também incomodar a autora, é o seu modo conformado de encarar o destino degradante, a ausência de coerência em suas atitudes. “Mas não fala nem reclama / somente come o dia todo” (CRUZ, 2001, p. 29). No entanto, sobre esse comportamento podemos inferir que Esmeralda atende ao seu desejo e que isso a torna singular. Nessa ótica, comer o dia todo nos oferece uma interpretação simbólica de recalque, o que não inferioriza o ato de ser. Em outras palavras, essa singularidade é, sob certo aspecto, resignação e luta.

Em síntese, Delphy (2015) traça um paralelo entre a exploração capitalista e a exploração patriarcal desde o surgimento de ensaios e escritos feministas, nos anos 1970, em pontos de localização distintas, até o que se poderia chamar de uma possível futura “libertação” das mulheres nesse contexto explorativo.

A exploração patriarcal constitui a opressão comum, específica e principal das mulheres: comum porque atinge todas as mulheres casadas (80% em qualquer momento); específica porque a obrigação de fornecer serviços domésticos gratuitos é só das mulheres; principal porque, mesmo quando elas trabalham “fora”, o pertencimento de classe derivado é condicionado por sua exploração enquanto mulheres (DELPHY, 2015, p. 116).

Tendo em vista que a exploração familiar é coletiva e exclusiva das mulheres, uma reflexão se faz necessária no que se refere aos objetivos e concepções políticas do feminismo. Efetivamente, essa concentração deve ser fundamentada na opressão patriarcal, principal inimiga das mulheres. Logo, é urgente compreender as opressões demarcadas pelo sexismo como ações conectadas ao movimento feminista em diferentes esferas da sociedade a fim de ressignificar a ideia unidimensional da luta e possibilitar formas de produção de conhecimento que revelem novas análises e leituras de mundo.

5 ANA CRUZ E A CRÍTICA DE UM DESTINO DEFINIDO A PRIORI, CASA E FAMÍLIA biológico como nasce°

Discorrer sobre ser mulher no contexto literário envolve diversas questões. Precisamos delimitar de qual mulher se fala para “não universalizar essa categoria, sob o risco de manter na invisibilidade aquelas que combinam ou entrecruzam opressões” como reconhece Ribeiro (2018, p. 25). Ao observar esses aspectos, verificamos uma escrita carregada de significados, em que a personagem é contida em papéis definidores: mulher, negra, mãe, trabalhadora e esposa.

Considerando esses aspectos, Swain (2000, p. 49) afirma que “as práticas são definidoras de seus corpos, cujas identidades são essencializadas na coerência entre o sexo e o gênero, entre um biológico, tido como natural, e um esquema de atribuições sociais a ele atrelado.” E acrescenta: “o agenciamento das relações humanas não é binário a não ser pela implantação política da diferença, em um eixo biológico anunciado como incontornável” (SWAIN, 2003, p. 3).

Em “Pode ficar com a casa!” (Anexo C), a mulher não corresponde ao papel de subordinada, pois ela produz, a partir do seu protagonismo, o levantamento de um discurso autônomo, inteligente e independente. No poema, a cena construída dá-se início pela tomada de decisão da mulher como ponto de partida para narrar a experiência de colocar um ponto final num relacionamento abusivo e violento.

[...] Quando eu lhe disse soberana e triste “Vou embora!”
queria sair inteira, salvar o meu amor do naufrágio.
Ele sequer tinha percebido que aquela moça
Dotada de regras ditas femininas tinha
se transformado em mulher [...] (CRUZ, 2001, p. 57).

Ao afirmar que “queria sair inteira”, podemos remeter essa mensagem ao desejo explícito de denunciar a violência contra as mulheres, em outras palavras, queria sair viva e poder continuar vivendo. Inicialmente, a escritora descreve a mulher ao encontro da sua visão crítica com a realidade violenta e excludente vivida no relacionamento.

De acordo com Swain (2000, p. 48), “estes traços, desenhados por valores históricos, transitórios, naturalizam-se na repetição e reaparecem fundamentados em sua própria afirmação [...]”. Contudo, percebe-se que a mulher, no poema, não corresponde a uma identidade pressuposta pelo patriarcado. Em lugar disso, produz processos de singularização como crítica da identidade que o patriarcado atribui às mulheres.

Nesse sentido, a configuração exigida das personagens desta obra são identitárias, uma vez que conforme Swain (2002), as identidades compõem as tecnologias de gênero, neste caso, a mulher. Especificamente, as tecnologias de

gênero criam uma identidade sedentária enquanto a identidade nômade são os processos de singularização.

Desse modo, levando em consideração a identidade como fixa, o nomadismo seria os processos que elas utilizam para romper com esta identidade. Portanto, podemos dizer que a autora quebra com tal definição e inventa uma própria definição. Essa invenção de autonomia seria um exemplo de processo de singularização e de rompimento identitário.

Para melhor entendimento, passemos a observar os seguintes versos:

[...] Afirmando com todas as palavras que eu era a única
mulher a quem amava. No afã de se defender,
acabou sendo injusto com as demais.
Eu era assim, a única que ele deduzia
que o suportaria eternamente torto,
mesmo vivendo entre farpas e beijos,
sustentando sua performance de homem dadivoso,
equilibrado [...] (CRUZ, 2001, p. 57).

Aqui, a analogia entre um afeto aparente e a violência que ela carrega é anunciada. Neste processo, o eu lírico se transfigura como personagem de uma narrativa a qual, como possibilidade de leitura, compreende-se que aquela mulher acorda para a situação que vivencia. Assim, a autora faz uso da primeira pessoa (eu) para também se fazer personagem da situação descrita. Dito isso, depreende-se que, como parte de uma cultura, a violência assume outras características para disfarçar seus efeitos.

Sob esse olhar, a contrariedade e a autonomia aparecem no poema através da narração dos acontecimentos habituais. Essa singularização pode ser interpretada como um novo entendimento da mulher sobre si. Além disso, é um desejo coletivo de enunciar sua autonomia financeira e psicológica a uma suposta leitora que pudesse estar vivenciando situação semelhantemente descrita. Logo, Cruz assume uma posição afirmativa em busca da criação de um novo discurso com o intuito de descortinar as máscaras do silêncio em torno da opressão de gênero, raça e classe, visto que está ciente das práticas discursivas já experimentadas.

[...] Não tendo poder de me conter via boicote financeiro,
não mediu esforços em testar outros métodos:
chorou em público, me fez declarações em horário nobre,
subestimando a minha inteligência,
além de usar e abusar do sentimentalismo
de algumas telespectadoras desavisadas [...] (CRUZ, 2001, p. 57).

Nesse âmbito, é relevante mencionar que a linguagem empregada oferece ao poema a visualização dos acontecimentos, atendendo ao ritmo de uma voz corrente, em alguns momentos, quase dita ao pé do ouvido: “Quando eu lhe disse não te quero mais, / ele pôs o pau na mesa e gritou: / Dessa casa eu não saio!” (CRUZ, 2001, p. 57).

Ainda no que se refere à linguagem, podemos destacar que a associação entre o pau, a mesa e a casa engloba uma multiplicidade de significados, porque não é apenas uma organização de palavras, mas também uma representação sócio-erótico-cultural e de poder que interpela o que é ser mulher. Nesse sentido, a ação de colocar o pau na mesa e gritar pertence a uma cultura que, diariamente, provoca cicatrizes no corpo feminino.

Em contrapartida, deixar a casa é um claro processo de singularização que atravessa as identidades contidas nos papéis definidores. Consequentemente, permanecer na casa é uma metáfora da identidade sedentária. Com efeito, a casa, o lar, a família e o papel de esposa é o que a identidade fixa pressupõe, e isso é rompido na escrita de Ana Cruz. Em outras palavras, o momento em que a mulher afirma “Pode ficar com a casa!” (CRUZ, 2001, p. 57) é, literalmente, um movimento nômade com grande efeito de significação, pois é um movimento que se modifica, que percorre outros lugares e caminhos do próprio ser.

Dentro dessa configuração, a escritora traz em sua poética uma percepção crítica e dotada de singularidade, que gera pesquisas e discussões no que concerne a literatura contemporânea e de seus sujeitos, que não mais se conformam ou deixam para outros manifestarem o que eles próprios sentem. Para dar conta do seu propósito, ela tece e assume uma literatura com traços que demonstra fluidez e modificações ao se embaralharem com os atravessamentos de outras hierarquias de poder.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar os objetivos da pesquisa, primeiramente, enxergamos a necessidade de ampliar o diálogo e a compreensão de como a voz da mulher negra se revela mediante as relações de gênero e etnicidade já determinadas. Pela mesma razão, a intenção foi apresentar as múltiplas referências encontradas nos poemas de Ana Cruz, as quais confessam a potência de seu discurso. Nessa perspectiva, é relevante apontar que a análise apresentada subjaz um viés crítico em relação à abordagem que, tradicionalmente, vem sendo conferida ao que é produzido por mulheres.

Essa interpretação se fundamenta na obrigatoriedade de dedicarmos novas compreensões à escrita de mulheres. É, nesse ambiente, que a literatura se constitui como um caminho possível para descaracterizar os moldes enraizados de opressão que, desde o princípio, vêm coibindo mulheres de ultrapassarem o cordão do isolamento e se integrarem como sujeitos na/pela sociedade.

Assim, apesar de autora estar inserida nesse contexto, o que se verificou foi o seu papel fundamental em manifestar um estado transitório de inconsciência da mulher negra e ao mesmo tempo um acordar para a consciência divergente daquilo que se tinha como discurso recorrente. Pensando nisso, talvez tenhamos a explicação do porquê dessas vozes terem sido silenciadas visto que, nos poemas abordados, assumem diversos lugares enunciativos.

Entretanto, esse foco de representatividade foi possível em função da vivência e da posição social da escritora, visto que esse é o retrato de inúmeras mulheres negras marginalizadas, que são continuamente oprimidas dentro do próprio recorte. Ela enquanto mulher, negra e pobre, necessariamente, teve como ponto de partida, em sua obra, mulheres que não destoassem das experiências escritas para alcançar seu público leitor.

Nessa configuração, uma vez que é notável a ausência de referências a respeito da escritora em bibliotecas e até nos meios eletrônicos, dar voz para Ana Cruz se designou como um importante componente de análise, sem o qual esta pesquisa não seria realizável. Logo, o que se observa no percurso, mesmo timidamente, é o crescimento das falas e dos movimentos por reivindicações ligadas aos direitos da mulher. Portanto, pressupõe-se que, neste movimento,

relevantes pontos foram trazidos à tona, além da escrita de Cruz, os mecanismos políticos que constroem e perpetuam diferenciações sociais.

Assim, ao entender que a escrita se estabelece como uma das formas de luta pela libertação da mulher, ao pesquisar o porquê da não representação, ao mesmo tempo buscamos, a partir dos seus escritos, desconstruir estereótipos. Diante disso, concluímos que a autora denota mulheres em processo de consciência e singularização, à medida que procura fazer com que suas representações e críticas repercutam em outros corpos, deixando assim, um convite à reflexão.

REFERÊNCIAS

- ALÓS, Anselmo; ANDRETA, Bárbara. **Crítica literária feminista: Revisitando as origens.** Fragmentum. Santa Maria: Editora Programa de Pós-Graduação em Letras, n. 49, jan./jun. 2017.
- ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo.** Trad. Édna de Marco. Revista Estudos Feministas. Florianópolis: UFSC, v. 8, n. 1, 2000. p. 229-236. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 29 mar. 2021.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade.** Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1970. CRUZ, Ana. *Mulheres q' rezam.* Rio de Janeiro: Ed. da Autora, 2001.
- DELPHY, C. **O inimigo principal: a economia política do patriarcado.** Revista Brasileira de Ciência Política, [S. l.], v. 17, p. 99–119, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2310>. Acesso em: 16 jul. 2022.
- DUARTE, Constância Lima. **Literatura feminina e crítica literária.** Travessia Revista de Literatura Brasileira da UFSC, Florianópolis, v. 21, n.2, 1990. p. 15-23. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17198>. Acesso em: 23 mar. 2021.
- GONZALEZ, Lélia. **A mulher negra na sociedade brasileira.** In: . Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.
- HOOKS, bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista.** Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n.16, p. 193-210, jan./abr. 2015.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ROSENDO, Daniela. **Filosofia ecofeminista: Repensando o feminismo a partir da lógica a dominação.** Revista Diversitas. [S.l.], 2016, n.5, p. 99-123. ISSN: 2318-2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/diversitas/article/view/120579>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SCHÖPKE, Regina. **Corpo sem órgãos e a produção da singularidade: a construção da máquina de guerra nômade.** Revista de Filosofia Aurora. v. 29, n. 46, p. 260-279, jan./abr. 2017.

SWAIN, Tânia Navarro. A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário. In: SWAIN, Tania Navarro (org.). **Feminismos: teorias e perspectivas.** Textos de História: revista do programa de pós-graduação em história da UnB, Brasília: UnB, 2000, vol. 8, n. ½, p. 47/84.

SWAIN, Tânia Navarro. **As heterotopias feministas: espaços outros de criação.** Labrys, Estudos Feministas, v. 3, p. 01-12, jan/jul. 2003.

ANEXO A – DEIXE NO MEU COFRE SUA FORÇA DE TRABALHO E GANHARÁS O CÉU

Quando Alice nasceu tinha cabeça certinha
igual a toda criança querida.
Mas essa foi deformada ao completar sete anos.

Alice não foi comida por nenhum comunista.
Talvez na idade adulta, quem sabe?
Mas Alice recebeu pela primeira vez o segundo sacramento.
E esse, ao invés de abrir os olhos para a compaixão e a beleza de Deus,
serviu apenas para acabar com sua graça.
Alice ficou impactada quando soube
do tamanho da culpa que cruzava o seu destino.
E ser pobre era melhor maneira de se redimir.
Desorientada, Alice passou a gostar mais de serviço do que
de dinheiro e a colocar a força acima do conhecimento.
De tanto trabalhar, Alice quase ficou na miséria.
Se não fosse ajuda de Deus,
que a fez quebrar a cabeça várias vezes,
talvez não tivesse se recuperado
daquele seu estado de inconsciência.

Pobre Alice! Sem o intermédio da providência divina
não teria sido resgatada daquela escola, onde os mestres,
na impossibilidade do uso do açoite,
fundamentavam-se em Deus para assegurar suas riquezas.

(CRUZ, Ana. **Mulheres q' rezam**. Rio de Janeiro: Ed. da Autora, 2001, p. 41)

ANEXO B – MOÇA BEM COMPORTADA

Desolada feito planta
castigada pelo sol.
Pobre Esmeralda, se amarga por conta
de uma união fria e mal sucedida.
Não consegue disfarçar seu semblante
amuado e triste
mas não fala nem reclama
somente come o dia todo.
Coitada, ainda é muito moça
Não tem malícia não
sabe ao certo como se deve
ir à luta para suprir suas necessidades.

(CRUZ, Ana. **Mulheres q' rezam**. Rio de Janeiro: Ed. da Autora, 2001, p. 29)

ANEXO C – PODE FICAR COM A CASA!

Quando eu lhe disse soberana e triste “Vou embora!”
queria sair inteira, salvar o meu amor do naufrágio.
Ele sequer tinha percebido que aquela moça
Dotada de regras ditas femininas
tinha se transformado em mulher.
Não tendo poder de me conter via boicote financeiro,
não mediu esforços em testar outros métodos:
chorou em público, me fez declarações em horário nobre,
subestimando a minha inteligência,
além de usar e abusar do sentimentalismo
de algumas telespectadoras desavisadas.
Afirmando com todas as palavras que eu era a única
mulher a quem amava. No afã de se defender,
acabou sendo injusto com as demais.
Eu era assim, a única que ele deduzia
que o suportaria eternamente torto,
mesmo vivendo entre farpas e beijos,
sustentando sua performance de homem dadivoso,
equilibrado.
Quando eu lhe disse não te quero mais,
ele pôs o pau na mesa e gritou:
“Dessa casa eu não saio!”

(CRUZ, Ana. **Mulheres q' rezam**. Rio de Janeiro: Ed. da Autora, 2001, p. 57)

AGRADECIMENTOS

A Deus, ser supremo de amor e de luz, que me conduz e é minha maior força nos momentos de angústia e desespero.

Agradeço a mim, que perante uma série de dificuldades, ao longo da graduação, consegui chegar ao final e concluir um trabalho o qual tenho muito orgulho.

Aos meus pais, Ary Haroldo da Costa Farias e Maria Íris da Silva Macário, que se dispuseram a fazer o impossível por mim durante toda a minha vida.

Ao meu sobrinho, Guilherme, que me faz encarar o mundo com um novo olhar.

Ao meu orientador, Dr. Luciano Barbosa Justino, que me auxiliou e esteve presente sempre que necessitei, contribuindo com o desenvolvimento deste trabalho. Obrigada por acreditar em nossa parceria.

À Universidade Estadual da Paraíba, por me propiciar uma edificante vivência acadêmica, além de me conceder bolsas de incentivo à pesquisa desde o início da graduação.

Agradeço, em uma brevidade que o coração não compreende, aos meus amigos e também professores, Josenildo Medeiros, Marcos Marques e Nilda Guedes. Obrigada por me ensinar, a partir das palavras e de atitudes, sobre a vida e sobre as pessoas.

Ao Dr. Ramilton Marinho, hipnoterapeuta, que me guiou ao desmonte de muralhas imaginárias.

E, finalmente, agradeço à escritora, Ana Cruz, por ter presenteado seus leitores com poemas singulares, que compõem parte deste trabalho.